

NARRATIVAS E SILÊNCIOS: ELEMENTOS PARA UMA CONSTITUIÇÃO CORPORAL DE INTENSIDADES

NARRATIVES AND SILENCES: ELEMENTS FOR A BODILY CONSTITUTION OF INTENSITIES

Renato Sampaio de Azambuja¹

Resumo:

A sociedade de informação é definida por uma pobre relação de troca em simbolismos. Os significantes da informação tendem a estimular a produção de um sujeito corporificado sujeito às demandas neoliberais de produção e consumo. As tecnologias geram uma sensação de liberdade, cuja rede de informações homogeniza nossa exposição ao social, nos nivela e aplana, dessingularizando sujeitos em uma exposição voluntária que se transforma em uma ilusão de liberdade. Tal é a condição que nos governa nas estratégias de poder neoliberal. A visão de corpo biomédica acompanha essa perspectiva. O artigo propõe uma linha de fuga através do estímulo a uma postura de ruptura do tempo, à contemplação e ao silêncio como estratégias para a criação de corporeidades intensivas alicerçadas nas narrativas do sujeito a partir de sua auto observação, na qual o Corpo sem Órgãos se apresenta como alternativa filosófica que sustente uma constituição corporal de intensidades.

Palavras-chave: corpo de intensidades, narrativas, contemplação.

Abstract:

The information society is defined by a poor exchange rate in symbolism. The signifiers of information tend to stimulate the production of an embodied subject subject to neoliberal demands of production and consumption. Technologies generate a feeling of freedom, whose information network homogenizes our exposure to the social world, levels and flattens us, desingularizing subjects in a voluntary exposure that turns into an illusion of freedom. Such is the condition that governs us in neoliberal power strategies. The biomedical view of the body follows this perspective. The article proposes a line of escape through encouraging a posture of rupture of time, contemplation and silence as strategies for the creation of intensive corporeality based on the subject's narratives based on their self-observation, in which the Body without Organs becomes presents as a philosophical alternative that supports a bodily constitution of intensities.

Keywords: body of intensities, narratives, contemplation.

¹ Médico, formado pela Universidade Federal Rio Grande do Sul em 1985, Mestre e Doutor em Educação em Ciências pelo PPg ECi da UFRGS em 2019 e 2023. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9087242235563277>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2039-4732>

Introdução

A experiência cotidiana da vida contemporânea está cada vez mais imbricada a artefatos tecnológicos de comunicação e imagem que interferem na constituição das subjetividades. Cenas como uma família sentada na mesa de algum restaurante, na qual todos estão vidrados em seus celulares, muitas vezes repassando vídeos ou mensagens para os próprios componentes da mesa, não são incomuns. Todos em um tipo de silêncio relacional subjacente a uma permanente perturbação ruidosa informatizada, caracterizando um paradoxo: os que não se relacionam presencialmente, estão em trocas sistemáticas de informação virtual. Confundimos e substituímos o convívio afetoso pelos aplicativos de relacionamentos. Nesse universo, os outros não são pessoas, mas contatos coisificados imagéticamente em uma tela.

Ao mesmo tempo, a tecnologia médica define conceitos de corporalidades implicando em uma experiência de corpo voltada aos seus mecanismos biológicos, seus órgãos e relações moleculares, sustentada na produção de imagens reformatadas e computadorizadas do corpo e de suas estruturas moleculares na prática médica. Hoje em dia, qualquer diagnóstico exige uma imagem corporal, celular, laboratorial ou genética para poder se realizar um tratamento. A informação sobre o corpo enquanto máquina biológica revelada pelas imagens de seu interior é assunto publicado em diversos meios de comunicação e, ainda mais, exigida, muitas vezes, pelo próprio sujeito doente, uma vez que subjetivado nesse sentido.

Ambas situações, de produção de subjetividade e de produção de visão de corpo, se mesclam em uma contemporaneidade do biopoder sobre a vida.

A informação e a imagem moldam subjetividades autorreferenciadas: o controle minipanótico

Em nosso cotidiano, somos cada vez mais influenciados por massas de informações carregadas através da Internet ou de sistemas informatizados que potencialmente podem ser transportadas para qualquer lugar a que formos. A sensação de liberdade, que o acesso à incontáveis informações proporciona, contrasta com a progressiva necessidade, quase escrava, de acessarmos os conteúdos oferecidos na virtualidade da Internet. O “constante digitar e deslizar no *smartphone* é um gesto quase litúrgico que influencia massivamente a [nossa] relação com o mundo” (HAN, 2023, p. 43). O aparelho dispõe de vários instrumentos para torná-lo cada vez mais atraente: o movimento de pinçamento e anti-pinçamento para obtermos *zoom* das imagens na tela é um exemplo. Podemos dar um *like* ou publicarmos *emojis* que pretensamente traduziriam nossos sentimentos ou níveis de concordâncias com o material visualizado é outro. Nossa relação com o aparelho sugere a onipotência de que o mundo está em nossas mãos ao mesmo tempo que nossa postura tende a ser de disponibilidade quase constante ao acesso à informações e aos nossos contatos e interesses.

O *smartphone* é o símbolo estratégico de nossa contemporaneidade neoliberal informatizada. Ele proporciona o acesso a qualquer tipo de informação a qualquer momento, além de aplicativos com pretensa agilidade informativa ou com estabelecimento de vários contatos sociais. Todavia, a massa de conteúdos dos aplicativos configura-se em um acúmulo fugaz de informação, muitas vezes vazio, e contatos marcados por uma comunicação impessoal. Mostra-se como uma troca de

informação, contatos e mensagens, de um modo geral, desencarnada, sem vínculo vivencial, asséptica e inodora, por mais que em algumas situações não se configure de modo marcante tal impessoalidade.

Ela é propícia ao sistema neoliberal do empreendedor de si mesmo e sua autorreferência gerenciada a partir do consumo e/ou desejos produzidos pelo sistema. O sujeito é “orientado” conforme sua “liberdade” e “vontade”. Toda vez que se visita um *site*, um algoritmo registra tendências de desejo. O sistema passa a orientar nossa próxima pesquisa produzindo uma ilusão de que somos capazes de manejar as realidades que visitamos virtualmente. Podemos chegar a confundir o mundo virtual com o mundo vivencial. Geramos tendências que geram desejos e consumo em nossas vidas, ao mesmo tempo que o outro se traduz em mais uma imagem virtual, cuja atividade é visualizada com um toque e qualificada com um *like*.

Assim, em épocas de negação do outro, a ausência do contato mais direto é uma das bases para a construção de relações artificiais e sem empatia. Cada um é só mais uma imagem. Vivemos na era das imagens. Imagens valem mais que sujeitos de carne e osso. Sem o contato verdadeiro, o outro está cada vez mais ausente e transformado em coisa informatizada. A coisificação da vida perturba nossa relação com a alteridade e com a vida. Tendem, todos, a tornam-se objetos e, como tal, passíveis de descarte, troca ou construção de outro mais ideal. Tal condição é produto de uma “hipercomunicação que nivela, aplaina e, por fim, faz com que tudo se torne igual” (HAN 2023, p. 49). Uma hipercomunicação que se retroalimenta, pois nós mesmos a produzimos ao estar na constante troca de informações.

A influência do algoritmo, escondido como se não existisse, nos orienta em um mundo que busca, cada vez mais, uma previsibilidade calculável. Nos ilude com a sensação de liberdade através de um acesso a informações sem limites, ao mesmo tempo que reforça nossas trajetórias de opiniões já pré formadas, a partir dos algoritmos já anteriormente traçados. Desse modo, parece que a informação e as imagens que recebemos confirmam nossas expectativas. Aparentemente estamos “livres” para orientar nosso saber. No entanto, não ocorre exatamente assim. Essa condição, ao confirmar nossos pressupostos, através do uso contínuo e inconsciente, o “*smartphone* reforça nosso autocentramento” (HAN, 2023, p.43). Em outras palavras, ao digitar, nos iludimos, pois pensamos que estamos submetendo o mundo à nossa vontade. O algoritmo confirma nossas expectativas na produção de mais informações. Com o algoritmo, vivemos na ilusão de estarmos no controle. Entretanto é ele que nos controla. Estamos sendo, a todo momento, inconscientemente, submetidos às vontades de um sistema que reforça o autocentramento do empreendedor de si como se fossem suas próprias verdades, geradas em um sistema de Inteligência Artificial (IA) que conduz e governa nossos desejos. Tal é uma das facetas do biopoder neoliberal.

O estilo de vida padronizado por algoritmos inclina-se a nos orientar e nivelar, tudo aparentemente de acordo com nossos desejos. Entretanto, estamos sendo permanentemente monitorados por sistemas de IA e, nesse sentido, sendo subjetivados acerca de quem somos e de como somos, mental e fisicamente, por uma espécie de mini panóptico pessoal. Castiel *et al* (2016) nos fala da abordagem preemptiva, decorrente deste mini panóptico, que se aplica como uma estratégia de governança capilarizada e personalizada ao nível do sujeito, característica da condução da vida por algoritmos de planejamento prospectivo da vida e da saúde. Trata-se da exploração neoliberal da liberdade a partir de si. Nos transformamos

naquilo que o sistema de IA nos capacita, geralmente orientados por estratégias de poder de controle sobre a vida. Nada mais potente para o controle do que a ilusão de liberdade. Nela, o sujeito empreendedor de si não imagina que o vigiar-se é uma produção intencional de controle para a sustentação do sistema de consumo.

“O *smartphone* se estabelece como objeto devocional do regime neoliberal... Sentimo-nos livres mesmo sendo completamente explorados, monitorados e controlados. Em um sistema que explora a liberdade, não se forma resistência. A dominação se completa no momento que coincide com a liberdade” (HAN, 2023, p. 51). Nos expomos completamente para o sistema que se utiliza desta prática para que se produza algoritmos voltados ao nosso viver e configuram nossos desejos e nosso tipo de corporeidade. Uma exposição voluntária. Uma ilusão de liberdade que nos governa na produção daquilo que somos enquanto corpo e psiquismo. Um olhar panóptico do sujeito consigo mesmo, a partir de exigências externas, que produzem a contínua e múltipla exposição corporal das pessoas e dos fatos, guiados pelo algoritmo, em uma tela. “Tudo” temos que ver, “tudo” é exposto, mas nem tudo, somente o recorte que o sistema induz.

O poder *smart* do sistema neoliberal nos vicia em um tipo de exposição contínua de nossos corpos e subjetividades. Somos “incentivados e convidados a compartilhar e comunicar nossas opiniões, preferências, necessidades e desejos” (HAN, 2023, p. 52). Hoje, o critério que mais se valoriza em termos de sucesso é quantos seguidores tem tal ou qual *influencer*. Nada mais eficiente para o sistema do que ser exposto ao controle a partir de nossa imagem. Pois é pela imagem virtualizada que produzimos a esterilidade do espírito, a ausência de autonomia fantasiada de “liberdade” e a falta de compaixão. Mais importa em como aparecemos ao mundo. Essa é a essência da servidão “inteligente”. Nada é narrado como experiência simbólica, pois as informações se produzem e se encerram em torno da superficialidade servil da imagem. Nossas relações se pulverizam e se esterilizam através de uma tela e na necessidade de uma homogeneização da imagem de si. Um dos reflexos desta tendência de homogeneização da imagem pode ser revelada no que a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica estima: mais de 2 milhões de procedimentos na imagem corporal foram realizados em 2023². Os *selfies* instantaneamente instagramáveis são outro exemplo dessa perspectiva da estética corporal: aparecer como imagem é o mais vendável e importante. “Refugiamo-nos nas imagens para sermos melhores, mais bonitos, mais vivos” (HAN, 2018, p. 53) ou mais saudáveis.

Informatização dos corpos e bioascese

A biomedicina compartilha, em certos aspectos, da perspectiva onde a informatização e a imagem também têm papel relevante. Um atendimento médico, por exemplo, hoje em dia, mesmo que presencial, sempre é intermediado por uma tela de computador. Nela, o paciente é um conjunto de informações armazenadas por um *software*. Ao mesmo tempo, a telemedicina vem ganhando espaço como solução às dificuldades de acesso ao cuidado por parte da população. Na telemedicina, o sujeito aparece em um monitor e sua condição de saúde se traduz em um conjunto de informações armazenadas ou proposições de exames a serem

²<https://www.sbcsp.org.br/na-midia/cirurgias-plasticas-devem-somar-2-milhoes-de-procedimentos-em-2023-aponta-pesquisa/#:~:text=8%2F3%2F2023-.Cirurgias%20pl%C3%A1sticas%20devem%20somar%20%20milh%C3%B5es%20de%20procedimentos%20em%202023,procedimentos%20sejam%20realizados%20pelos%20brasileiros>. Visitado em 16/01/2024

realizados. Suas narrativas devem se resumir à sua condição orgânica. Por sua vez, os procedimentos robóticos, apesar de sua precisão, nivelam a condição do humano à semelhança da máquina. Na clínica, a importância da imagem informatizada conquista seu lugar nos diagnósticos do corpo coisificado: toda cardiopatia isquêmica ou neoplasia de intestino grosso, por exemplo, revelam-se como condição biológica que aplaina a singularidade humana, na medida que a patologia é universal, caracterizada nos órgãos do corpo, e quase sempre traduzida em imagens ou exames complementares. O corpo passa a ser uma realidade que é percebida através de uma tela ou de um aparato técnico, com pouco ou nenhum contato físico com o sujeito e suas experiências da vida enquanto relação humana que, na ótica deste artigo, é essencial para nossa orientação no mundo.

É através da imagem informatizada que a biomedicina procura aprimorar o conhecimento do organismo, principalmente em suas formas mais moleculares, e assim definirmos nossa corporeidade. O corpo é definido como estrutura organizada em órgãos, relacionados molecularmente entre si, cada vez mais escrutinada em sua forma e imagem. Sem uma imagem corporal parece que perdemos nossa identidade saudável ou não entendemos as enfermidades pelas quais passamos. Nosso corpo se transforma em uma informação digitalizável e reformatada por sistemas computacionais, seja ao nível da clínica médica, dos laboratórios de pesquisa ou do convívio consigo mesmo. Sistemas computacionais revelam nossa interioridade orgânica a partir de feixes de elétrons disparados por máquinas, como na tomografia por emissão de pósitrons ou submetido a um campo eletromagnético como na ressonância para que possamos visualizar a imagem interna dos órgãos. Tratam-se de tecnologias cada vez mais sofisticadas que passam a escrutinar verticalmente as imagens do corpo humano, inclusive na profundidade de sua genética molecular (ROSE, 2013), produzindo um tipo de verdade acerca de nossa existência corporal e psíquica no mundo. O corpo não é mais o espaço de vivência no mundo, um devir caracterizado pela narrativa do sujeito que experimenta sensações, mas uma estrutura objetiva e coisificada. Tal perspectiva produz uma via crescente que acarreta uma perda de si mesmo e de nossa corporeidade existencial.

Nossa existência psíquica também é, cada vez mais, abordada por diagnósticos biopatológicos, cuja marca é não permitir quimicamente o sintoma e trazer o sujeito ao mercado de produção e consumo. A indústria fabrica medicamentos moleculares de ação mental visando a normalização dos sujeitos e buscando sua reintegração ao sistema do empreendedor de si que não pode falhar ou cessar. Han (2018) coloca que está em voga a produção de uma psicopolítica de poder. Um psicopoder, que gera, profundamente, a partir da interioridade subjetiva do sujeito empreendedor de si, a necessidade de estar sempre disponível e apto, envergando um corpo “perfeito”, sob o risco do fracasso. Um verdadeiro minipanóptico digital (HAN, 2021) onde não há tempo para adoecer e pensar. O corpo se mostra como uma máquina no qual é necessário obter informações para corrigi-las. Um corpo inscrito em um “registro total da vida [que] substitui a confiança por informação e controle” (HAN, 2021, p. 53). Uma corporeidade que busca incessantemente uma bioascese traduzida em uma imagem corporal ou em um comportamento socialmente aceito e esperado (ORTEGA, 2003), normalizado e sempre disponível.

Portanto, o cuidado com o corpo biologizado tende a se realizar através da forma e imagem do corpo de acordo com os saberes biomédicos. Tal cuidado, hoje em dia, está amplamente imbricado ao convívio social. As práticas de *fitness*,

indicadas como forma saudável de se manter, são exemplos nas quais o retrato corporal passa a dizer quem somos e produz nosso estilo de vida. Elas fazem parte de um contexto mais global de cuidado, traduzido por um tipo de ícone corporal ditado pela perspectiva de saúde advinda do saber do especialista, e assimilado, também, pela mídia da informação que contribui para a produção de subjetividades.

Aqui também se evidencia um tipo de “liberdade” no cuidado. O empreendedor de si pensa que está no controle de sua existência quando “livremente” é submetido ao padrão corporal e subjetivo da sociedade. Desse modo, deve-se aparecer saudável e sorridente às *selfies* tiradas. Segundo Ortega (2003) “as modernas ascetes corporais, as bioascetes, reproduzem no foco subjetivo as regras de biosociabilidade, enfatizando-se os procedimentos de cuidados corporais, médicos, higiênicos e estéticos na construção de identidades pessoais, das bioidentidades. Trata-se da formação de um sujeito que se auto controla, autovigia e autogoverna. Uma característica fundamental dessa atividade é a auto peritagem” (p.64). A auto peritagem, da mesma forma como o minipanóptico, se configura no conjunto de imagens que provém de exames laboratoriais, exames de imagem (tomografias, ecografias, etc) e a própria homogeneização da formatação corporal enquanto corpo musculoso e em “forma”. Segundo Pelbart (2013), atualmente, “o eu é o corpo. A subjetividade foi reduzida ao corpo, a sua aparência, a sua imagem, a sua performance, a sua saúde, a sua longevidade” (p. 27).

Concomitantemente, do ponto de vista psíquico, somos subjetivados (e convencidos) de que a síntese entre corpo e alma se realiza ao nível das estruturas moleculares de funcionamento cerebral: na depressão, por exemplo, corrige-se os níveis de serotonina como parte do tratamento psiquiátrico e, muitas vezes, resume-se a isso. As perturbações decorrentes da atividade - chamadas de transtornos de déficit de atenção e hiperatividade - intimamente vinculadas ao sistema neoliberal de *burnout* do empreendedor de si, também se resumem ao uso de Ritalina como um medicamento de controle. Enfim, produzem-se medicamentos de interferência neuronal para gerar uma autoimagem de bem estar e de permanente aptidão ao mercado de produção e consumo. A mente transforma-se em um bit de informação molecular. Importa em como aparecemos ao mundo, quando medicados.

A produção de uma vasta gama de fármacos e a proliferação de indicações médicas para usos de medicações com efeito no psiquismo parece não ter fim. Os diagnósticos psíquicos incidem em sujeitos que não “podem” ou não “devem” se sentir afetados ou perturbados quando do seu uso do corpo nas demandas da sociedade e nas exigências do consumo. Pouco importa a experiência existencial. Seu corpo é tratado como coisa reprogramável, à semelhança de um *software* em um mercado que cada vez mais não gera tempo para o descanso e para a reflexão sobre si. A síndrome de pânico, de *burnout*, as ansiedades, as depressões, os diagnósticos cada vez mais precoces de Transtornos de Déficit de Atenção e Hiperatividade são alguns exemplos desta tendência. Pratica-se uma miríade de intervenções neurológicas a partir da química cerebral molecular, em sujeitos a mercê da permanente informação de tudo e sempre disponíveis e instados a serem ativos, com base em um autocentramento psíquico e corporal produzida socialmente e para a atividade em um mundo de consumo que o consome. Nesse âmbito, ou “eu” é mais importante que o outro; “eu preciso estar bem para seguir minha atividade” é um pensamento incidente na subjetividade contemporânea

neoliberal, enquanto que o outro “que se vire”.

Perde-se a noção existencial de si e da presença do outro. Passam a ser, todos, informações e imagens digitalizáveis. O outro, enquanto mistério, enquanto olhar, fala e toque desaparecem em função do que surge no universo virtual da informação. É a informação que baliza o que se considera verdade no universo do biopoder neoliberal. “Hoje, percebemos a realidade primeiramente em termos de informação. A camada de informação, que cobre as coisas como uma membrana sem lacunas, protege [e dificulta] a percepção de intensidades. A informação representa a realidade” (HAN, 2023, p. 103), que passa a ser lisa, atemporal, sem profundidade, sem atritos, movendo-se de acordo com a vontade individualista.

Este artigo não pretende colocar em dúvida a importância da informação e das imagens. Entretanto, argumenta que vivemos uma sociedade em que, nós, sujeitos, estamos imersos em uma teia massiva de imagens informatizadas, sem tempo para pensar sobre o sentido daquilo que é informado. As enfermidades de que nosso corpo se ressentir não são narradas como oportunidades para podermos ressignificar nossa experiência vital. Vivemos em uma sociedade em que o sujeito é produto e produtor de informação (HAN 2018), transformando-o em uma pessoa de opinião desprovida de sentido existencial, sem qualquer narrativa histórica do que pensa, sem contato com as emoções que modulam o pensar. Não somente o sujeito, mas a configuração de sua corporeidade que é inclusiva no transcurso de seu devir como ser vivo. Trata-se de um sujeito vazio, sem interioridade, suscetível ao psicopoder, mesmo com a ilusão de liberdade informativa.

A intenção é produzir uma reflexão que proponha uma linha de fuga a toda essa condição acerca de nossa constituição psico-corporal. Busco trazer elementos que sustentem uma integralidade psicofísica do ser, a partir de movimentos narrativos como sujeitos corporizados em processos existenciais de intensidade, para que se possa pensar em outro tipo de cuidado em saúde.

Narrativas e Silêncios

Han (2023) contrapõe a sociedade da informação e da imagem ao processo narrativo enquanto estratégia de simbolização e de produção de sentido às práticas existenciais coletivas e singulares. Ele argumenta que as “informações são aditivas e não narrativas. São contáveis, mas não narráveis... Somente as narrativas criam sentido e contexto. A ordem digital, ou seja, numérica, é sem história e sem memória. Assim ela fragmenta a vida” (pp. 17-18). O autor refere que há uma tendência ao desaparecimento das práticas que demandam um tempo narrativo, uma quebra para se gerar um processo reflexivo acerca da historicidade das relações que emergem através do contato vital e humano, coletivo e singular.

Como já vimos, o biopoder neoliberal estimula uma intensa troca de informações sem trocas de experiências existenciais. Não há tempo para narrar e ressignificar sentidos para a existência. O mundo da informação é dominado pelo acesso aos sistemas, enquanto os modos existenciais são distinguidos pelas relações entre seres.

Entretanto, a vida de relação depende do contato humano, dos espaços psíquicos trabalhados no convívio carnal da vida. Humberto Maturana (2001) afirma que “todos os animais vivem em um espaço psíquico” (p 155). O argumento é que o psiquismo não acontece em um cérebro. O cérebro é a estrutura que oferece condições biológicas para uma atividade mental mais complexa. Apesar disso, concebe-se, hoje em dia, que há comportamentos psíquicos entre

comunidades de formigas e abelhas que não são mediados por um cérebro, mas por outros fatores de convívio em comunidade. Do mesmo modo, os movimentos complexos de atividade em cardumes ou em voos de pássaros, mesmo que estes possuam estruturas nervosas, emergem de um processo de agenciamento³ caracterizados mais por conexões coletivas do que por um cérebro. Nessa perspectiva, o psiquismo não ocupa uma estrutura biológica exclusivamente, mas emerge, principalmente, nos espaços de convivência mútua e relações entre os seres. A atividade mental é coletiva e, muitas vezes, no caso em especial de humanos, experimentada na singularidade. São eventos vivenciais imbricados um ao outro.

Para humanos, a atividade mental só produz sentido existencial se for produzida nas narrativas a partir do linguajar, na coordenação de ações sobre ações linguajantes na relação com o semelhante, ou seja, nos domínios produzidos através dos movimentos existenciais em comunidade que geramos nas práticas de vida que constituem nossa corporeidade. Narrativas são sempre reformulações do vivido. Histórias contadas a partir do sujeito observador de si e do que conta de si em seu mundo vivencial em relação aos outros e à sociedade, a partir das verdades que reformulou ao vivê-las. É junto aos movimentos narrativos que integramos à constituição corporal a experiência polissêmica das emoções, centrais em nossa configuração psico-física de intervenção no mundo (LE BRETON, 2009).

Através da prática da *parrhesia*, o falar de si verdadeiro, Foucault (2008) investiga o cuidado e nos faz pensar que a corporalidade transformadora se produz nos movimentos existenciais de atitudes compostas pela ação reta e ética sobre si mesmo, ao mesmo tempo que, assim, legitima a existência do outro. Nesse sentido, quando se fala de saúde ou enfermidade, enquanto processo existencial (AZAMBUJA, 2023), é preciso oferecer a possibilidade de poder produzir uma ressignificação das relações do sujeito a partir de suas narrativas. Pois é através delas que o sujeito se interroga sobre a intensidade percebida na experiência do órgão. Não para saber de sua patologia, mas para registrar tal experiência sensorial e afetiva do sujeito com relação ao que sente. Somente dando ouvidos ao que é narrado, nas próprias sensações do sujeito, é que poderemos gerar novas possibilidades ao seu devir.

A narrativa, por conter uma história de vivências, é um dos elementos que traduzem a intensidade do percebido e do vivido. É com ela que podemos exprimir emoções, descrevê-las, contar como nos afetou e constituiu nosso viver ou sofrer. Principalmente o falar das emoções, experiência de difícil verbalização, suscita a prática da *parrhesia*, na coragem de falar a verdade de si, essencial no criar condições para ressignificar a experiência existencial. “O ponto ao qual se dirige a atenção nestas práticas de si é aquele em que os males do corpo e da alma podem comunicar-se entre si e intercambiar suas penas; é aquele em que os maus hábitos da alma podem acarretar misérias físicas, enquanto os excessos do corpo manifestam, e alentam, os defeitos da alma” (GROS, 2006 *In* FOUCAULT, 2006, p. 648). Para tanto, Foucault salienta a importância da auto-observação como uma prática vital, dando “atenção a todos os matizes da vida, ao estado de ânimo, a leitura e a experiência de si se intensifica” (FOUCAULT, 2008, p. 63). Esse movimento “implica um deslocamento do olhar (...) [para escapar] de todas as

³Um agenciamento é precisamente um “crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas” (DELEUZE & GUATTARI, 2017, p24)

dependências e de todas as sujeições" (FOUCAULT, 2005, p. 69).

É no campo narrativo das relações que se mostra a totalidade constitutiva das intensidades corporais e psíquicas produzidas no devir histórico do sujeito. Só a experiência é narrável. É quando percebemos a profundidade, a textura do contato em nosso viver. A totalidade constitutiva deste processo guarda relação com o conceito de Acontecimento trazido à tona por Guattari (2012). Nele, a percepção não configura o objeto como coisa em si, mas como experiência através da "inseparabilidade de um número finito de componentes heterogêneos percorridos por um ponto de sobrevôo" (p.29) desde onde se recorta a distinção nas práticas intensivas do viver. Um exemplo: "o conceito de um pássaro não está em seu gênero ou sua espécie, mas na composição de suas posturas, de suas cores e de seus cantos" (*ibid*, p. 28), em uma apreensão experimental da distinção, instantânea, lógica e não-lógica. Pois aqui falamos da composição das experiências vividas em uma apreensão existencial de processos que não são mera informação, mas dinâmicas de confluências e conexões do devir de uma vida singular imbricada ao coletivo. Para que a distinção perceptiva de tal fluxo possa ocorrer e ser narrada, é necessária uma postura reflexiva, um tempo para assimilação e incorporação de efeitos da convivência, enfim, um movimento de ressignificação do vivido.

Nesse contexto, a própria noção de "imagem" deve ser repensada. Não uma imagem informatizada, mas uma imagem-fluxo. De acordo com Deleuze (1985), não há imagens estáticas, senão imagens em movimento. Importa nelas é o fluxo de transformação no conjunto daquilo que é percebido, é a imagem do movimento em transformação, que nunca termina, mas sempre acontece em agenciamentos, é que importa. Somente o que acontece no processo deve ser narrado na constituição de uma imagem-fluxo. Nesse âmbito, cada percepção cognitiva é um recorte de um amplo plano de estímulos potenciais que o mundo nos oferece. Não vemos tudo, vemos o que cada um pode e consegue ver. "Criamos" realidades que se transformam a partir de nossa atividade no mundo e a imagem-fluxo passa a ser parte desta criação. Não são "escolhas", mas produtos de uma intervenção no mundo a partir daquilo que já experimentamos. Tal é o recorte inconsciente e não verbal da produção de um mundo. São recortes de um movimento em permanente transformação a partir da experiência distinguida em formas linguajantes pelo ser vivo. É preciso treinar nossa experiência para sermos capazes de ampliar nossa capacidade perceptiva.

Redunda que, de um modo geral, deve-se permitir a experiência e observá-la. Aprender a silenciar a mente, afastando-a do ruidoso e informatizado empreendedor de si e transigir para a produção de uma atitude contemplativa. Segundo HAN (2023), na sociedade contemporânea, o "fortalecimento do ego destrói o silêncio" (p. 147), o silêncio é necessário para o "recuo do Eu. [Pois] ele me ensina a ouvir e prestar atenção" (p.148). Tal postura guarda relação com o deslocamento do olhar defendido por Foucault (2005) ao focar reflexões acerca da verdade como legitimidade existencial de si e do outro.

Somente exercitando a produção de um silêncio interior é que se consegue descolar-se do incessante assédio midiático informativo. O silêncio é uma virtude a ser cultivada. A prática de silenciar a mente "não é uma fraqueza, uma falta, mas uma intensidade que, todavia, não é percebida nem reconhecida na nossa sociedade da atividade e do desempenho" (HAN, 2023, p. 10). A prática do silêncio, se ritualizada e associada à reflexão de si, abre espaço para ações geradoras de desejos em outra relação de produção de subjetividade, mais autônoma, singular, constituindo-se em um plano de fuga ao controle e ao minipanóptico.

Para Han (2023), a necessária negatividade da atividade da informação é um tipo de inatividade contemplativa. Não uma inatividade vazia, aquela evitada pela concepção neoliberal de viver, onde toda a atividade precisa ser útil. Não é um tempo livre em que não se faça nada, mas um período de quietude ativa em que se oferece um tempo para emergir sensações e sentimentos que produzem sentido e profundidade ao sujeito e ao corpo: uma intensidade. É um traçado de fuga ao império do modo estímulo-reação-produção-consumo, característico da lógica da eficiência. Trata-se de um não agir, uma postura perante a vida em que o agir não possui intenção alguma, sequer a confirmação de um “eu”, um agir que é não-agir na busca de um sentido para os processos de convivência passíveis de serem narrados.

A não-ação, como inatividade ativa não intencional, possui íntima conexão com o conceito taoísta de *wu-wei*. Para o Taoísmo, de acordo com Cherg (2011), o corpo é consciência e consciência é corpo. Através dessa unidade corpo-mente, os taoístas, consideram *wu-wei* como “ação que se realiza através de um coração sincero que pratica as ações da não-intenção” (p. 73). Trata-se de ações da vida em que a postura não intencional é decorrente de um esvaziar-se mentalmente, de uma quietude que possibilita romper com a urgência das demandas externas. No contexto neoliberal significa romper com as práticas da produção e do consumo, buscando outras perspectivas para disposição corporal e afetiva do sujeito.

Ao contrário das urgências do Capital, cuja característica é o constante estímulo à atividade pensante voltada fundamentalmente para o que é externo e para a confirmação do indivíduo enquanto entidade concreta, o não-agir passa a ser uma prática de voltar-se ao que é interno, contemplativo, reflexivo e narrável. É através da quietude que se tende a alcançar o estado de percepção do vivido, pela possibilidade de parar e transformar o olhar para si, nas intensidades pelas quais passa e configura sua corporeidade. Só na inatividade é que podemos abrir espaço para pensarmos o corpo em que vivemos nossa experiência no mundo e poder falar sobre ela. Narrar sobre si configura-se como uma capacidade que se conquista.

Na contemplação reflexiva encontramos unidades antes não percebidas, sentidos antes não mencionados, acontecimentos antes não relacionados. Onde havia fragmentação, enxergamos uma insuspeita unidade singular que nos coloca em conexão com uma totalidade que gera outro sentido à experiência. A interpenetração dos sentidos e das emoções modalizam transformações e novidades à percepção de si e dos outros. Trata-se de uma prática que não exige força ou intervenção externa, basta gerar ativamente a não-ação para que emergjam novos recortes da realidade. “A reflexão é uma capacidade que *não age*” (HAN, 2023, p. 63).

Mais do que uma atividade solipsista, trata-se de uma prática para voltar-se à imanência das relações entre sujeitos em suas conversações e convívio, em como elas afetam os processos de individuação. São reflexões sobre o processo no qual o sujeito corporificado se produz em diversos domínios da experiência de viver: corporal, cognitivo e emocional. O corpo que se visualiza é de um sujeito sempre em vias de ser aquilo que foi e que será, na intersecção desse fluxo de vir-a-ser em um tipo de metaestabilidade dinâmica sem outra intenção do que aquela em que se produz (SIMONDON, 2020). Um tipo de não ação na contramão da produção de desejos na individualidade neoliberal do empreendedor de si (LAZZARATO, 2014). Nessa perspectiva de um corpo da experiência narrável é que se visualiza as intensidades constitutivas de uma corporeidade “sem órgãos”.

Narrativas como expressões intensivas em um Corpo sem Órgãos (CsO)

O conceito de Corpo sem Órgãos (DELEUZE & GUATTARI, 2012) se refere a um corpo de intensidades, tido como um campo de possibilidades e probabilidades existenciais, um fluxo incessante de auto produção e conformação na ação de viver. Tal é o fluxo que constitui o CsO: ele não “é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas” (DELEUZE & GUATTARI, 2012, p. 12), uma experimentação biológica, social, política e singular de experiências de vida produzidas pelo sujeito. Um campo de atividade múltiplo e heterogêneo - no qual produzimos recortes de compreensão, conceitos e percepções que denominamos de “coisas”, “corpos” ou “órgãos” - experimentados enquanto unidade dinâmica e existencial corpo/sujeito. Não há negação dos órgãos: estes são apenas alguns extratos perceptíveis do corpo. Ou seja, uma simples percepção de que um organismo estruturado em órgãos é um recorte, um tipo de entendimento do corpo, na qual o CsO é o plano mais geral e significativo da existência. O CsO emerge como campo do que se faz na atividade da vida, em suas conjunções e conexões, nos fluxos dos sentimentos, nas relações de trabalho e familiares, enfim, um corpo intensivo de ações vitais cuja maior característica é ser descrito através do linguajar humano. Na perspectiva de um CsO, o órgão e o corpo são uma narrativa existencial de quem vive a corporeidade.

Na desconstrução do corpo meramente biológico, retira-se todo o conjunto de significados e significâncias acerca dele (anatomia, subjetividade, “eu”) e o corpo passa a se constituir “de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Somente as intensidades passam e circulam (...) as produz (...) é a matéria intensa e não formada, não estratificada, a matriz intensiva” (DELEUZE & GUATTARI, 2012, p. 16). Trata-se de uma produção de si a partir dos fluxos e das atividades de uma vivência, dos afetos⁴, um campo indefinido, um “vazio”, no qual podem se configurar identidades, sentimentos, funções, agenciamentos coletivos e individuais, relações, divisões e separações, classificações, objetos e processos. O corpo, nessa perspectiva, literalmente é um fluxo permanente de autoprodução. Para o propósito deste artigo, os corpos são caracterizados e constituídos por intensidades distinguíveis a partir do que o sujeito sente e percebe a partir de si, de reflexões sobre o sentido de sua existência integrada à existência do outro, unicamente percebidas através das narrativas de nossa atividade linguajante, pois é com ela que construímos todo nosso edifício mental, existencial e, portanto, corporal.

As sensações corporais, na saúde e na enfermidade, se caracterizariam por “eixos e vetores, gradientes e limiares, tendências dinâmicas com mutação de energia, movimentos cinemáticos com deslocamento (...) migrações, tudo isso independente das *formas acessórias*, pois órgãos somente aparecem e funcionam aqui como intensidades” (DELEUZE & GUATTARI, 2012, p. 16). Nessa abordagem, para o entendimento do sofrimento humano, psíquico e/ou corporal, implicam-se as relações do sujeito com o mundo, como se perturba e como percebe a si mesmo. Para os autores, “o CsO não é de modo algum o contrário dos órgãos. Seus inimigos

⁴ Para os filósofos, afeto difere de ser afetuoso e significa ser afetado: um conjunto de agenciamentos e dinâmicas existenciais capazes de dispor nossa corporeidade a formas de agir, modificando para mais ou para menos, para melhor ou pior, para o sentir-se bem ou para o sofrer, nossa resposta às perturbações advindas do meio que nos configuram, fazendo agir, cada um, através das singularidades constituídas no viver.

não são os órgãos. O inimigo é o organismo. O CsO não se opõe aos órgãos, mas a essa organização dos órgãos que se chama de organismo”(p.24).

Desconstruir o organismo não é abandonar o corpo, mas abri-lo às múltiplas conexões que o constitui, um fazer pensar reflexivo sobre uma corporeidade que se faz, se modifica, se refaz nas experiências de um devir no mundo, um pensar sobre si e um aprender a falar de si. Trata-se de uma intersecção permanente de singularidades com uma coletividade que se conformam mutuamente, incessantemente, dinamicamente através das intensidades experimentadas nas conexões existenciais. O que caracterizaria o corpo não seriam somente as informações de suas análises químicas e imagéticas, mas narrativas da experiência de quem vive uma atividade no mundo.

Um CsO se constitui na experiência de contínuos e permanentes processos de produção de si, produções desejantes, de tal modo que “tudo é produção, produção de produções, de ações e de paixões, produções de registros, de distribuições e de marcações, produção de consumos, de volúpias, de angústias e de dores” (DELEUZE & GUATTARI, 2017, p.14). Penso que se trata de procurar entender nossa atividade vital no mundo, de como se produz registros cognitivos, através de suas distinções narráveis e nos recortes do que vemos e percebemos através dos sentidos. Recortes nos quais intervimos, absorvemos, incorporamos, consumimos, sejam coisas abstratas ou concretas, emoções ou alimentos, e o que reutilizamos na produção dos elementos que nos compõem em nossa forma de vida e configura nosso corpo. Desta forma, narrar é possibilitar ressignificar.

Na enfermidade percebemos o “órgão que adocece”. Todavia, o órgão narrável é mais que uma estrutura biológica; é uma uma intersecção complexa de intensidades sensíveis e simultâneas experimentadas pela ação do sujeito em suas relações existenciais. Nas narrativas do sujeito, interroga-se sobre o órgão não para saber de sua patologia, mas para registrar a experiência sensorial e afetiva do sujeito com relação ao que sente. São as intensidades sensíveis que emergem na vivência do sujeito. Desse modo, por exemplo, qualquer dor, em qualquer órgão, importa saber como o sujeito a sente: as sensações de constrição, explosão, facada, alfinetada, latejante, ardida, seu movimento ao longo do corpo, em que direção se estende, que posição corporal piora ou alivia, qual alimentação pode influenciar, qual função fisiológica pode piorar ou melhorar (por exemplo, melhora urinando), que emoções contribuem ou despertam, como sua ação no dia a dia a modifica, exacerbando ou diminuindo, quais outras sensações acompanham, enfim toda uma experiência do sujeito em sua horizontalidade e simultaneidade do sentir. Nessa perspectiva, a enfermidade dinâmica e intensiva é uma experiência eminentemente narrável e pode estar concomitantemente presente em múltiplas superfícies do corpo e não somente localizada em um órgão, porque vale o conjunto narrativo do doente na percepção da enfermidade. Tal descrição a partir das narrativas do sujeito é qualitativa e se refere a uma imagem pensada sobre si, simbólica e significativa, que é dinâmica e espelha uma profunda narrativa do sujeito sobre si para a compreensão de seu modo existencial de adoecimento.

No âmbito da compreensão da enfermidade, a construção desse processo de trocas narrativas e de observação de si por si só já pode ser terapêutico. Acontece no curso de um período de práticas do cuidado nos quais médico e paciente compartilham narrativas e entendimentos e buscam um medicamento que possa contribuir para alterar a relação do sujeito com a enfermidade que vive. Nesse contexto, o médico não busca por algo em si, tipo uma patologia orgânica, que responda ao mal estar vivido pelo sujeito. Ao contrário, é na troca de informações,

na intersecção da relação do médico e do paciente, que acontece em uma narrativa do sujeito sobre si, que o cuidador irá buscar o inusitado, aquilo que é aparentemente desfocado, o impreciso, o que não é nítido ou aparente, aquilo que reflete a experiência intensiva do sentir em uma enfermidade (ROSENBAUM, 2004): um sintoma que seja peculiar e singular ao sujeito. Aquela manifestação que é narrada, que não apresenta explicação fisiopatológica e que é modificada com a observação do sujeito ao viver o adoecer. Pois a intervenção do sujeito no mundo, qualificada pelo linguajar, é uma expressão intensiva de nossa produção de si. A mesma doença, a asma, por exemplo, em sujeitos diferentes, revela modos e experiências sensíveis que singularizam a percepção de si, naquele sujeito único, e que o faz produzir relações com seu entorno que o cristalizam em seu sofrer. Tal condição é possível de emergir somente com a auto observação, um tipo de quietude contemplativa de si, e com a produção da capacidade de se poder narrar a si mesmo de modo honesto e espontâneo.

Tratar a enfermidade como processual significa transformar as relações produzidas que escravizam o sujeito, as suscetibilidades que adquirem feições múltiplas no processo de investigação da enfermidade e da terapêutica. Somente as narrativas do sujeito acerca de si podem revelar tal possibilidade. Isso porque, nesse cenário, a enfermidade não é dada. Sua imagem-fluxo se modifica com o tempo, apresenta múltiplas facetas, ressurgem com imagens-fluxo um pouco diferentes, mas com a mesma predisposição ainda não ressignificada. Em outras palavras, se procura identificar a suscetibilidade singular, contextualizada na experiência histórica e presencial do sujeito. Nesse âmbito, a conduta psíquica e emocional do sujeito ganha importância, pois é na atitude que se fixa um desarranjo passível de se repetir e se armadilhar, "que indica que o sujeito perdeu a capacidade de se emancipar de uma estratégia vital que lhe é danosa e destrutiva" (ROSENBAUM, 2004, p. 213).

O corpo de intensidades emerge e se movimenta conforme padrões existenciais que criou para sua sobrevivência. Não falamos mais de corpo orgânico, mas de padrões em formas de vida: no estrato do organismo, há o câncer, mas para o corpo intensivo há o estado canceroso que pode se expressar em modos e comportamentos neoformativos, tais como ser exagerado, dominante, competitivo (a célula cancerígena compete e prolifera perante a célula normal); no estrato da organização de órgãos há a tuberculose, mas na perspectiva dos corpos sem órgãos há o estado tuberculínico que, da mesma forma, se manifesta em modos de ação e de desempenho do corpo e das atitudes mentais voltadas para a inquietude associada à inconstância; no corpo de órgãos há a sífilis, mas no estado narrável pelo sujeito há o comportamento sífilínico que se manifesta no corpo como destrutivo, deformando as artérias e ulcerando partes do corpo e/ou, no psiquismo, como atitudes auto ou hetero destrutivas, tais como o suicídio ou desejo de matar. As intensidades podem se configurar como qualidades formativas do corpo e somente a experiência narrada é capaz de expressar através dos modos de como vive cada sujeito e de suas verdades existenciais.

No devir existencial, produzimos os produtos que nos produzem. O CsO é fluxo incessante produtivo e essa seria sua energia de movimento e ação para que se mantenha ativo e vital. O CsO está nesse mundo, na percepção sensível e sensorial daquilo que nos afeta, em nossa dinâmica existencial como um todo. É pelo corpo - seus sentidos, sua suscetibilidade e historicidade de afetações que lhe foram incorporadas - que o mundo produz efeitos nas configurações do viver. As estruturas corporais também se conformam em conexão a esse movimento e, se

assim distinguidas em nossas relações, o sujeito pode se capacitar para produzir e transformar sentidos em sua existência. O alcance dessa percepção de corpo vai além das estruturas visíveis e funcionais da fisiologia do organismo. Possui vida e significados gerados na historicidade singular narradas acerca do viver de cada um. Não são meras informações. São experiências de vida que conformam corpos.

Reflexões finais

Vivemos um período histórico em que a informação é a principal balizadora do conhecimento enquanto estratégia de produção de saberes. Um tipo de conhecimento cujo sentido é a forma e a imagem, com fortes contornos de vigilância e controle sobre os sujeitos, com pouco ou nenhum espaço para a construção de simbolismos existenciais no fazer viver. Isto porque há um déficit constitutivo das narrativas existenciais como produtoras de saberes. O saber sobre o corpo segue essa perspectiva e, enquanto produção histórica de conhecimento, vem se conformando profundamente em termos de imagens estruturais de seu interior enquanto algo objetivo, informatizável, digitalmente dissecado até o alcance de suas moléculas, cuja imagem maior é sua estrutura genética. Somam-se incontáveis informações e pesquisas sequenciais acerca do corpo e sua imagem biológica. O contexto geral da sociedade da informação, a hipercomunicação na qual todos sabem quase tudo sobre o corpo, esvazia sua constituição simbólica existencial para o devir do sujeito.

A sociedade existe sob o manto e domínio da informação que fragmenta o sujeito em coisas e imagens. Não somente a produção de sua subjetividade, mas o próprio corpo enquanto máquina decifrada pela informação imagética mapeada de suas estruturas. Um constante bombardeamento de informações confunde o sentido simbólico que a vida oferece, suas conexões significantes, pois dependem do sujeito poder quebrar o tempo e produzir outro tipo de agenciamentos através de suas práticas de vida. Na produção do sentido existencial para o devir que se individua, o sujeito necessita desterritorializar o tempo, pois ele é oferecido na sociedade neoliberal como incessante busca de um cuidado e consumo de si. O tempo precisa ser deslocado para um presente que lateja no agora, na experiência propriamente dita; não na busca, mas nas reflexões decorrentes deste movimento da totalidade do agora, na produção de narrativas acerca de si que emergem da auto observação.

As narrativas das histórias singulares dos sujeitos e seus corpos, de como vivem, das suas experiências e sentimentos associados, enfim de seus vetores e intensidades, são o elemento para desterritorializar a produção neoliberal de informações dos corpos e reorientar a significação para uma prática de vida. Para definir uma corporeidade que se configure ao viver, que não está previamente estabelecida ou inata em uma estrutura ou informação, mas que se constitui em seu devir. O CsO, enquanto uma prática experimental de viver as intensidades e os agenciamentos que o constituem, pode ser um conceito que auxilie na quebra da hegemonia do corpo informatizado.

Referências

AZAMBUJA, R. *Um corpo, um corpo, um corpo - Expressões de intensidades e experiências: reflexões sobre práticas médicas*. Porto Alegre, Tese doutorado PPG Educação em Ciências - UFRGS, 2023

- CHERNG, W.J. *Tao Te Ching – o livro do caminho e da virtude*. Rio de Janeiro, Ed MAUAD, 2011
- DELEUZE, G. *Cinema 1: A imagem-movimento*. São Paulo, Ed Brasiliense, 1985
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil platôs vol 3*. São Paulo, Ed 34, 2012
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. . *O Anti-édipo*. São Paulo, Ed. 34, 2017
- FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. São Paulo, Martins Fontes, 2005
- FOUCAULT, M. *Segurança, território e população*. São Paulo, Martins Fontes, 2008
- GROS, F. *Situação do curso*, In. FOUCAULT, M. *Hermenêutica do sujeito*. São Paulo, Martins Fontes, 2006
- HAN, B-C. *No Enxame: perspectivas do digital*. Petrópolis, RJ, Ed Vozes, 2018
- HAN, B-C. *Capitalismo e impulso de morte*. Petrópolis, RJ, Ed Vozes, 2021
- HAN, B-C. *Não-coisas: Reviravoltas do mundo da vida*. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 2022
- HAN, B-C. *Vita Contemplativa ou sobre a inatividade*. Petrópolis, RJ, Ed Vozes, 2023
- GUATTARI, F. *Caosmose*. São Paulo, Ed 34, 2012
- LAZZARATO, M. *Signos, máquinas, subjetividades*. São Paulo, n-1 edições SESC, 2014
- LE BRETON, D. *As paixões ordinárias – antropologia das emoções*. Petrópolis-RJ, VOZES, 2009
- MATURANA, H. *A Ontologia da Realidade*. Belo Horizonte, Ed UFMG, 2001
- ORTEGA, F. *Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades*. Rio de Janeiro, Cadernos Saúde Coletiva 11 (1): 59-77, 2003
- ORTEGA, F. *Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades*. Rio de Janeiro, Cadernos Saúde Coletiva 11 (1): 59-77, 2003
- PELBART, P.P. *O avesso do nihilismo – cartografias do esgotamento*. N-1 edições, 2013
- ROSE, N. *A política da própria vida – biomedicina, poder e subjetividade no século XXI*. São Paulo: Paulus, v. 400, 2013.
- ROSENBAUM, P. *A Medicina do Sujeito*. Rio de Janeiro, Ed. Luz Menescal, 2004
- SIMONDON, G. *A individuação à luz das noções de forma e de informação*. São Paulo, Editora 34, 2020

Recebido em: 03/2024
Aprovado em: 09/2024